**Evento do IJPR comemorativo aos 50 anos da morte de C.G.Jung**

**10.junho.2011**

**Armando de Oliveira e Silva**

“[ … ] Assim devem existir mitos típicos que constituem os instrumentos especiais para o estudo dos complexos psicológicos dos povos. Assim Jacob Burckhardt parece ter pressentido isso quando disse que todo grego da era clássica tinha em si um fragmento do Edipo assim como todo alemão tem em si um fragmento do Fausto”. ( **Psychology of the Unconscious** – parag. 56 ).[[1]](#footnote-1)

**1908:**

29-11-1908 ( Freud ): [ ... ] Fiquei muito contente em saber que o senhor se dispôs a enfrentar o complexo de pai. Tenho grandes esperanças quanto ao volume”.

03-12-1908 ( Jung ): [ ... ] Mesmo que não seja nenhuma maravilha, meu ensaio sobre o complexo de pai, acredito, é um trabalho decente. Espero que lhe agrade. A fidelidade à causa, seja como for, não deixa nada a desejar.”

**1909:**

**O Significado do Pai no Destino do Individuo[[2]](#footnote-2)**

**“**Freud em muitos lugares chamou a atenção, com clareza incontestável, que o relacionamento psicossexual da criança com os pais e sobretudo, com o pai, é de imensa importância para o conteúdo de qualquer neurose futura.”

“[ ... ] Uma peculiaridade que sobressai dos trabalhos e considerações de Freud é que o relacionamento com o pai é considerado como possuindo uma importância extraordinária. A importância do pai na modelagem da psicossexualidade da criança pode também ser descoberto em outro e distante campo, na investigação da família. As pesquisas mais recentes demonstram a influência predominante do pai... As mães parecem ter menos importância na família. [ ... ] O problema foi examinado e aprofundado na pesquisas da minha aluna, Dra. Emma Fürst, sobre a semelhança familiar no tipo de reação.-

[ ... ] O fato da extrema semelhança entre o tipo de reação dos descendentes e os pais dá o que pensar. O experimento de associação nada mais é do que um pequeno segmento da vida psicológica de uma pessoa. A vida cotidiana não é nada mais que um experimento de associação ampliado e muito variado; essencialmente reagimos na vida como reagimos no experimento.

Após a apresentação e analise dos resultados do experimento de associação Jung e Gross discutem quatro casos clínicos ( dois homens e duas mulheres ), [ ... ] “As poucas histórias existentes mostrarão como esta constelação parental obstrui a da progênie. Deve ser suficiente apresentar somente os eventos principais destas, isto é, os eventos de sexualidade.”

Caso I: Mulher de 55 anos: “[ ... ] Nenhuma discussão posterior será necessária para aqueles com experiência psicanalítica. O caso é óbvio demais. Para os que não são versados em psicanálise gostaria apenas de sublinhar que até seus 46 anos a paciente nada mais fez do que viver uma cópia fiem do ambiente de sua primeira infância. A sexualidade que se anunciou tão tarde e tão drasticamente levou a uma edição piorada do substituto paterno e, através dele, foi mascarada a florescência tardia da sexualidade da paciente.

Caso II: Homem de 34 anos: “[ ... ] Neste caso também o movimento inteiro de uma vida tem lugar no círculo mágico da constelação familiar. O fator mais forte e fatídico foi o relacionamento com o pai. A coloração masoquista homossexual está bem evidente em tudo o que fazia. Até o infeliz casamento foi determinado pelo pai, pois o paciente casou-se com a ex-mulher do irmão mais velho, o que é “como se” ele casasse com sua mãe. [ ... ] Neste caso, como no anterior, a constelação familiar se mostra tão forte que só resta, ao que luta pela individualidade, o campo estreito da neurose.”.

Caso III: Mulher de 36 anos: “[ ... ] Tudo isso é para não dizer que devemos lançar a culpa pelo pecado original sobre nossos pais. Uma criança sensível cujas afinidades são muito sutis para refletir em sua psique o excesso dos pais carrega a culpa pelo seu destino no seu próprio caráter, mas, conforme nos mostra nosso último caso, não é sempre assim, pois os pais podem ( e infelizmente bastante freqüentemente o fazem ) instalar o mal na alma da criança, oprimindo sua ignorância para fazê-la escrava do seu complexo. Em nosso caso essa tentativa da parte do pai é óbvia. Está perfeitamente claro porque ele quer casar sua filha com essa criatura embrutecida: *ele deseja mantê-la e torná-la sua escrava para sempre[[3]](#footnote-3)* . [ ... ] Será perguntado: onde reside a força mágica dos pais para vincular seus filhos a si próprios, assim como com grilhões, geralmente por todas as suas vidas? O psicanalista sabe que é nada além de sexualidade de ambos os lados”.

Caso IV: Um garoto de 8 anos, inteligente, de aparência algo delicada, foi trazido por sua mãe devido à enurese. “[ ... ] Esse pequeno exemplo mostra o que ocorre na psique de uma criança de oito anos que entrou numa relação de dependência com os pais, por culpa, em parte, da demasiada severidade do pai e da demasiada ternura da mãe. [ ... ] A atitude infantil aqui, é evidente, não é nada mais que sexualidade infantil. Se agora pesquisarmos todas as possibilidades de longo alcance da constelação infantil, somos forçados a dizer que *em essência o destino de nossa vida é idêntico com o destino de nossa sexualidade.*

Depois dos casos clínicos o texto apresenta uma teoria da história: “ [ ... ] Se pudermos despir os véus cobrindo os problemas do destino individual, poderemos mais tarde alargar nossa visão da história do individuo para a história das nações. E antes de tudo podemos olhar para a história das religiões, para a história dos sistemas de fantasia da totalidade de povos e épocas. A religião do Velho Testamento elevou as *paterfamilias* ao Jeová dos Judeus, a quem as pessoas tinham de obedecer em medo e espanto.Os Patriarcas são um estágio intermediário rumo à deidade. [ ... ] Só os profetas tiveram sucesso em se libertar desta restrição; neles a identificação com Jeová, a completa sublimação, tem sucesso. Eles se tornaram os pais do povo. Cristo, o cumprimento da profecia, pôs fim a este medo de Deus e ensinou à humanidade que a verdadeira relação com a Trindade é o amor.”“O que vemos no desenvolvimento do processo mundial, a fonte original das mudanças na Trindade, vemos também no individuo. Poderes parentais guiam a criança como um destino controlador superior. Mas quando ele começa a amadurecer, começa também o conflito entre a constelação infantil e a individualidade, a influência parental que data do período pré-histórico ( infantil ) é reprimida, afunda para dentro do inconsciente, mas não é por isso eliminada; por linhas invisíveis dirige as criações individuais da mente que amadurece à medida em que aparecem. Como tudo que passou para o inconsciente, a constelação infantil aprisiona no obscurecimento da consciência, sentimentos pressagiantes, de misteriosa orientação e influências opostas. Aqui estão as raízes das primeiras sublimações religiosas. Em lugar do pai, com suas virtudes e faltas constelantes, aparece, por um lado, uma deidade totalmente sublime, e por outro lado, o demônio, nos tempos modernos a maior parte [ das vezes ] largamente reduzido pela percepção da própria responsabilidade moral. O amor elevado é atribuído o primeiro, a sexualidade inferior ao último. Tão logo nos aproximamos do território da neurose, a antítese é estirada ao seu limite máximo. Deus se torna o símbolo da mais completa repressão sexual; o demônio, o símbolo da luxúria sexual. Assim é que a expressão consciente da constelação paterna, como qualquer expressão de um complexo inconsciente quando aparece na consciência, assume sua face Janus, seus componentes negativos e positivos. Um exemplo curioso, belo, desta arte desempenhada pelo inconsciente é visto no episódio de amor no livro de Tobias.

[ ... ] A lenda é desenvolvida de maneira tão bela que mostra o pai em seu aspecto duplo, por um lado como o inconsolável pai da noiva, por outro como o coveiro secreto do túmulo de seu genro, cujo destino ele antevê. Esta bela fábula se tornou um paradigma estimado para minha análise, pois de modo algum são infreqüentes tais casos nos quais o demônio pai pôs suas mãos sobre sua filha, de modo que por toda a vida delam mesmo quando se casa, nunca há uma verdadeira união, porque a imagem de seu marido nunca tem sucesso em obliterar o inconsciente e eternamente operativo pai ideal infantil. Isto é válido não apenas para filhas, mas igualmente para filhos.

[ ... ] Em minha experiência o pai é usualmente o decisivo e perigoso objeto da fantasia da criança, e se ocorre de ser [ este objeto ] a mãe pude descobrir por trás dela um avô ao qual ela pertencia em seu íntimo.

17-04-1909: Karl Abraham ( Freud ): “[ ... ] Enquanto ao trabalho de Jung, havia ouvido tanto que esperava algo sumamente original. Lamentavelmente, me decepcionei um pouco, porque na realidade não aborda nenhuma nova perspectiva ao tema. Comparte você a idéia de que o pai tenha um papel tão dominante? Em algumas análises minhas é claramente a mãe, e em outros é difícil dizer qual dos dois. Me parece que isto depende muito das circunstâncias pessoais.”

27-04-1909: Freud ( Abraham ): “[ ... ] A respeito do problema tratado por Jung coincido com você. Eu considerava a parte do mesmo sexo como a mais importante para a pessoa; não obstante, posso acomodar-me a uma variedade individual. Jung isolou uma parte do conjunto, porém o fez com muita eficácia.”

21-11-1909: Freud ( Jung ): “[ ... ] Em minhas aulas na Universidade, que agora reorganizo em forma de seminário, marquei para o sábado que vem uma discussão acerca de seu trabalho “Father Destiny “.

02-12-1909: Freud ( Jung ): “[ ... ] Sábado passado seu “Father Destiny” propiciou-nos uma noite agradável; [ ... ] A discussão ainda não terminou [ ... ] Alguns paladinos ávidos por defender a causa das mães abandonadas já entraram em cena”.

**1911**

23-06-1911: Jung ( Freud ): “[ ... ] As fantasias interiores contém um material dos mais apreciáveis e são, talvez, impares na maneira como trazem à luz a vida interior, o que faz acalentar a esperança de abordar por esse meio até os casos “inacessíveis”. Nos últimos tempos meu interesse se concentra cada vez mais na fantasia ics e é possível que nessas escavações eu deposite uma esperança excessiva. A fantasia ics. É um estranho caldeirão de bruxa.

“Transformação com formação, se alterna,

Do eterno espírito atuação eterna.

Fluem lá visões de todas criaturas;

Não te vêem. Vêem só espectrais figuras.[[4]](#footnote-4)

Como o preclaro bisavó viu com acerto. Essa é a matriz do espírito. Oxalá saia daí alguma coisa”.

**1912**

25-02-1912: Jung ( Freud ): ‘[ ... ] Eu lhe diria de boa vontade o que está acontecendo lá em cima, se ao menos soubesse como registrá-lo numa carta. É, fundamentalmente, uma elaboração de todos os problemas que resultam da libido do incesto materno, ou melhor, da imago materna catexizada pela libido. Desta vez aventurei-me a tentar resolver a Mãe. Assim o que está me mantendo escondido é a *Katabasis* ao reino das Mães. [ ... ] A seu devido tempo porém, subirei novamente.

No final do capitulo 4 da segunda parte ( “A Origem Inconsciente da Libido” ) Jung apresenta um trecho da cena das Mães[[5]](#footnote-5) ( Fausto II; Ato I: Galeria Obscura ), privilegiando Mefistófeles[[6]](#footnote-6) e sem fazer nenhum comentário especifico, apenas uma breve explicação que antecede a citação: “[ ... ] Mas o mito do herói, entretanto, é, como me parece, o mito do nosso próprio sofrimento inconsciente que tem um desejo imensurável por todas as fontes profundas do nosso próprio ser; pelo corpo da mãe a través dele pela comunhão com a vida infinita nas incontáveis formas de existência. Aqui eu devo apresentar as palavras do mestre que divinizou as raízes mais profundas dos desejos faustícos.”:

*Mefistófeles[[7]](#footnote-7)*

Reluto em revelar um magno arcano.

Tronam deidades em augusta solidão,

Sítio não há, tempo ainda menos, onde estão;

É um embaraço falar delas. São

As Mães

*Fausto ( num sobressalto )*

*Mães!*

*Mefistófeles*

*Estremeces ao ouvi-lo?*

*Fausto*

*As Mães! Mães!- que esquisito soa aquilo!*

Mefistófeles

Estranho é mesmo. Deusas ignoradas

De vós mortais. Por nós, jamais nomeadas.

Vai, pois, buscá-las nos mais fundos ermos;

É tua culpa o delas carecermos.

Fausto

Que caminho é?

*Mefistófeles*

Nenhum! É o Inexplorável,

Que não se explora. É o Inexorável,

Que não se exora. Estás, pois, preparado?-

Não há trinco a correr, nenhum cadeado.

Em solidões ficas vagueando em vão.

Noção terás do que é o ermo, a solidão?

*Fausto*

*Poupa-nos essa faladeira,*

*Ao antro ainda da bruxa cheira,*

*Dos tempos que já longe vão.*

*Não tive eu de enfrentar o mundo a fio?*

*De digerir, professar o vazio?-*

*Quando, ao falar, vislumbrava a razão,*

*Em dobro já soava a contradição.*

*Para me pôr de seu ódio a coberto,*

*Tive que refugiar-me num deserto,*

*E na solidão que de mim dava cabo,*

*De me entregar enfim ao próprio diabo.*

*Mefistófeles*

Ainda que o mar teu braço transpusesse,

Teu olho a vastidão visualizasse,

Verias onda que após onda cresce;

Ainda que a morte te aterrorizasse,

Verias algo. Em confins do sem fim,

Talvez, brincando em mar verde, um delfim;

Verias lua e sol, no céu o arco suspenso –

Nada verás no vácuo eterno, imenso,

Não ouvirás teu passo ao avançares,

Não sentirás firmeza onde parares.

*Fausto*

*Estás falando como Mestre-Mistagogo,*

*De quem lograr neófitos é o jogo,*

*Mas ao avesso. Envias-me ao Vazio*

*Para que eu nele amplie a ciência e o brio.*

*Qual gato de Esopo crês que me apanhas,*

*Que te extraia,eu,da fogueira as castanhas.*

*Pois bem! Eu vou sondar o teu engodo,*

*Nesse teu Nada aspiro a achar o Todo*

*Mefistófeles*

*Sinceramente, antes que vás, te gabo;*

*Vejo quão bem conhecer já o diabo.*

Vês esta chave? Toma-a !

*Fausto*

*Essa coisinha?*

*Mefistófeles*

*Pega-a: hás de ver que não é tão mesquinha.*

*Fausto*

*Cresce ela em minha mão, reluz, cintila!*

*Mefistófeles*

Agora vês que vale o possuí-la?

Marca o lugar exato a sua luz;

Segue-a aos baixos: ela às Mães te conduz.

*Fausto ( estremecendo )*

*As Mães! É como um golpe que me abala!*

*Que palavras é, que em mim tão fundo cala?*

*Mefistófeles*

*Limitado és? Com dito novo fremes?*

*Ouvir o que ainda não ouviste, temes?*

*Nada te abale no alvo que palmilhas;*

*Afeito estás de há muito a maravilhas.*

*Fausto*

*Não viso a enrijecer! Sentir não temo,*

*É estremecer do homem o bem supremo;*

*Por alto que lhe cobre o preço o mundo,*

*Estremecendo, o Imensurável sente a fundo.*

*Mefistófeles*

Soçobra, pois! Podia eu dizer: sobe!

Tanto faz. Foge ao que houve, ao que já viste.

Entre as visões de espaços livres, soltos,

Te encante o que de há muito não existe.

Lá a massa núblea ondeia em seu vaivém;

Aponta a chave: ao longe ela o mantém!

*Fausto ( arrebatado )*

*Ao apertá-la sinto força nova,*

*Peito expandido, sigo à grande prova.*

*Mefistófeles*

*Cmunicar-te-á um tripé ardente*

*Que no mais fundo estás profundamente.*

*Poderás ver as Mães em seu clarão,*

*Umas sentadas, outras vêm e vão.*

*Transformação com formação se alterna,*

*Do eterno espírito atuação eterna.*

*Fluem lá visões de todas criaturas;*

*Não te vêem. Vêem só espectrais figuras.*

*Ânimo,ai! O perigo é ingente;*

*Dirige-te ao tripé diretamente,*

*Toca-o com a chave.*

A diferença do pai biológico que reina em praticamente todo o texto de 1909, a mãe com Jung agora está envolvido não é a mãe biológica mas a mãe como um arquétipo ou sendo mais fiel ao espírito do texto ( 1912 ): “ a grande idéia primitiva da mãe, quem, em primeiro lugar significa para nós nosso mundo individual e posteriormente se torna símbolo de todos os mundos. Goethe diz das Mães:”Elas estão envolvidas pels imagens de todas as criaturas” ( parag. 381 ).

Mas quem são as Mães ? Quem são essas grandes e veneráveis divindades subterrâneas cujo estranho nome golpeia Fausto como um raio?

“O que Goethe tinha em mente com o reino das Mães permanece até hoje um enigma para os leitores da tragédia – o máximo que Eckermann conseguiu extrair do velho poeta foram as palavras: “Eu não posso revelar-lhe nada além de ter encontrado em Plutarco a observação de que, na Antiguidade grega, faziam-se referências às *Mães* como divindades. Isso é tudo o que devo à tradição, o resto é minha própria invenção” ( Marcus Vinicius Mazzari, em *Fausto*, pag. 214 ).

No capítulo 20 do livro *Descrição da Vida de Marcellus*,Plutarco escreve “[ ... ] Existe na Sicilia um cidade chamada Engia, ainda que pequena, muito antiga e celebra pelo aparecimento das Deusas que são chamadas as Mães, e diz a tradição que o templo foi obra dos Cretenses; nele estão colocados algumas lanças e elmos de bronze, com inscrições, algumas de Memones e outras de Odisseu, tudo consagrado em honra das Deusas”. O outro livro de Plutarco citado pelos comentaristas do *Fausto* é *Sobre a decadência dos oráculos* ( capítulo 22 ), “ encontra-se a indicação de que existem 183 mundos diferentes, ordenados segunda a configuração de um triângulo cósmico cujo espaço interno, designado como o “campo da verdade”, poderia ser visto como o silencioso reino dessas “Mães goethianas”,guardiãs e mantenedoras de todo existente”. ( idem, pag. 214 ).

Essas referências são freqüentemente citadas como as possíveis fontes para a concepção de Goethe. Outras fontes possíveis, como antecedente e explicações para este episódio pode ser buscado em Cibele, Gaia, Reia e outros mitos de *Magna Mater*; em várias narrativas que contém mergulhos heróicos no mundo subterrâneo ou inferior como Orfeu, Odisseus, Eneas; nos Mistérios Eleusis e nas histórias de Pigmaleão e Galatea e também no rapto de Helena por Paris.

Uma boa resposta para a pergunta formulada acima, “Quem são as Mães”?, pode ser encontrada no livro essencial de Pietro Citati, *Goethe*; isto não eliminando outras interpretações possíveis, formuladas em diferentes momentos.[[8]](#footnote-8). Citando Citati: “[ ... ] Platão coloca a planície da Verdade no alto, sobre a boboda celeste, onde para o movimento de nosso mundo as Mães não podem morar lá, já que no topo do céu se agita, nos livros de Goethe, com movimento incessante, com o eterno devir de Deus. As Mães moram debaixo daquelas cavernas, daquelas fendas e labirintos subterrâneos, onde o ouro da alquimia se escone, entre a “noite e o horror” e Mefistófeles convida-nos a conhecer os grandes mistérios. Ainda mais embaixo, nas derradeiras entranhas da terra, no ponto onde o mais profundo de um abismo tão profundo que apavora até mesmo Mefistófeles, vivem essas deusas misteriosas e solenes” ( pag. 237 ).

“[ ... ] O que são pois as Mães goetheanas ? Essas deusas solenes e solitárias pertencem ao reino do Ser: morando fora do espaço e do tempo, não conseguem avistar os rostos humanos e os fenômenos deste mundo e não escutam os sons da Terra. Lá no fundo, perto da trípode[[9]](#footnote-9) ardente, desempenham uma dupla função. Assim como Persefone guarda no Hades as pessoas e as imagens que viveram, da mesma forma elas guardam no abismo suas imagens absolutas; em resumo, as Mães são as guardiães do Museu do Ser, assim como Persefone é a guardiã do Museu do Passado, e zelam para que nada do que foi criado se perca e para o mundo mantenha todas as possibilidades estabelecidas por Deus” ( pag. 240 ); “[ ... ] As Mães constituem a única relação possível entre os dois extremos do Ser e da Realidade, elas supervisionam as “Formações e Transformações” o “ jogo eterno da mente eterna” ( pag. 240 ).

Uma questão se coloca: Mas como descer até lá ? Onde encontrar o caminho nas entranhas da Terra?

“[ ... ] Tal como uma mistagogo precavido, Mefistófeles socorre seu discípulo e entrega-lhe uma pequena chave dotada de propriedades extraordinárias. Assim que Fausto a segura, a chave cresce repentinamente em sua mão, reluz,, solta relâmpagos, enquanto uma força insuspeita relaxa seu coração e enche-lhe o espírito. Sem mais tardar, Fausto bate os pés no chão e salta para fora do tempo e do espaço” ( pag.246 ).

No capítulo 1 da segunda parte ( “Aspectos da Libido” ), Jung define a libido como a “força propulsora da vida” e assinala que ela é comumente simbolizada na forma de alguma coisa aparentemente sexual – “o símbolo fálico da libido” – e em termos faustinianos ela é a chave que Mefistófeels dá a Fausto. Este simbolismo primitivo revela a “[ ... ] conexão entre libido e luz” ( parag. 335 ).

Mas munido dessa chave ( “a luz” ), como podemos imaginar as experiências que Fausto teve no decorrer da sua trajetória? Novamente Pietro Citati facilita a nossa resposta: “[ ... ] A angústia da : nada para ver, nada para escutar, nada tocar; a vertigem do ilimitado, o medo do absoluto ... Mas a viagem é muito rápida: a chave milagrosa, sentindo o cheiro da morada das Mães como a varinha de um rabdomante fareja a água, guia-o para perto da trípode ardente. Finalmente Fausto avista as Mães reinando na solidão, rodeada pelas imagens das criaturas. Nem sequer as toca: obedecendo aos conselhos de Mefistófeles, mantem elas afastadas do seu corpo; aproxima-se da tripode, toca-a com a chave e a tripode o segue até a superfície da Terra”. ( pag. 246 ).

Mas a viagem a essas profundidades não é realizada sem seus riscos. Como Mefistófeles diz a Fausto: “O perigo é ingente”; para Jung o perigo é a libido não conseguir retornar deste mergulho no inconsciente, o que fatalmente conduziria a uma “morte” do sujeito. “[ ... ] Se a libido permanece presa no reino maravilhoso do mundo interior, então o sujeito se torna um fantasma para o mundo exterior., ele está praticamente morto ou desesperadamente doente” ( parag. 459 )

Apesar do risco, esse mergulho é necessário, e o perigo é um perigo necessário, pois este caminho é o único para o advento de uma nova vida; “[ ... ] mas se a libido consegue [ ... ] voltar em direção ao mundo superior, então um milagre ocorreu. Esta jornada ao mundo subterrâneo foi uma fonte da juventude e uma nova fertilidade floresce na aparente morte” ( parag. 459 ).

A imagem que Jung escolhe para representar esta luta entre vida e morte, é o símbolo do sol; “[ ... ]esta imagem é a primeira e foi profundamente entalhada para se tornar o condutor simbólico do destino humano”( parag. 566 ).

E Pietro Citati? “[ ... ] Quando Fausto torna a subir para a claridade, sua iniciação está concluída. O neófito transtornado e entusiasta, que não se atrevia a escutar o nome das Mães, tornou-se um nobre sacerdote, o solene mágico do Ser; e alguém o consagrou, cobrindo-lhe os membros com uma veste sacerdotal e envolvendo-lhe a cabeça com uma coroa. Assim, ele chegou ao ponto mais alto de sua existência: conhece as formas absolutas, que os outros homens não sabem e não querem enxergar; vê a rica fonte da beleza jorrar diante de seus olhos; e o mundo, onde outrora ele circulava como um deserto insensato e inóspito, parece-lhe pela primeira “desejável, fundado, duradouro”. Todos os ímpetos da paixõ e do entusiasmo, todo o amor, a veneração e a loucura que outrora desviaram sua mente renascem nele e tornam a ecoar, centuplicados” ( pags 246, 24 7 ).

Após esse breve percurso pelo pai, pelas Mães, pelas descidas necessárias à profundidade e pelas também necessárias subidas ao mundo compartilhado, podemos concluir e/ou recomeçar com a forma algo melancólica com que Jung encerra o seu livro: “[ ... ] A única que realmente nos compreende é a mãe. [ ... ] E não há duvida de que nada no mundo jamais nos abraça tão totalmente quanto a mãe. Quando o neurótico se queixa de que o mundo “não entende”, ele diz indiretamente que sente falta da mãe” ( parag 700 )

1. .Publicado originalmente em duas partes no *Jb. Psychoanl. Psychopath.Forsch.* em agosto de 1911 e setembro de 1912, posteriormente publicado em 1912 como um só volume com o título *Wandlungen und Symbole der Libido. Beiträge zur Entwicklungsgeschichte des Denkens.* Traduzido para o inglês em 1916 por Beatrice M.Hinkle com o título: *Psychology of the Unconscious. A Study of the Transformatios and Symbolism of the Libido. A Contribution to the History of the Evolution of Thought*. As citações usadas neste trabalho foram retiradas desta tradução. [↑](#footnote-ref-1)
2. . Publicado originalmente no vol.1 do *Jb. Psychoanal. Psychopath. Forsch* em março de 1909. As citações foram retiradas da tradução para o inglês publicado em 1916 no *Collected Papers on Analytical Psychology*. O texto foi posteriormente revisto e ampliado e publicado no volume IV das “Obras Completas”. Na primeira versão do texto Jung cita Otto Gross como colaborador, “[ ... ] Essas experiências, mais aquelas obtidas particularmente numa análise realizada em conjunto com Otto Gross, fixaram em mim a impressão desta visão.” A situação que melhor responde a esta descrição é a análise mútua realizada no Burghoelzli em 1908. Mas com a morte de Groos e posteriormente com o inicio da publicação dos *Collected Works* Jung corrige o texto e o transforma em um trabalho só seu. [↑](#footnote-ref-2)
3. .Em itálico no original. [↑](#footnote-ref-3)
4. . MEFISTÓFELES

   Comunicar-te-á um tripé ardente

   Que no mais fundo estás profundamente.

   Poderás ver as Mães em seu clarão,

   Transformação com formação se alterna,

   Do eterno espírito atuação eterna.

   Fluem lá visões de todas criaturas;

   Não te vêem. Vêem só espectrais figuras.

   Ânimo, ai! O perigo é ingente;

   Dirige-te ao tripé diretamente,

   Toca-o com a chave! [↑](#footnote-ref-4)
5. . *Jung ( “intermediário ):* as Mães representam a fonte da criatividade. Idéia retomada em 1930, no “Psicologia e Poesia”( Vol XV ): “A psicologia do criativo é uma psicologia feminina pois a obra criativa surge de profundidades inconscientes, que são, o reino das Mães. Se predomina o criativo, predominará o criativo como força plasmadora da vida e destino diante da vontade consciente, e a consciência, no entanto mera observadora desvalida, se verá arrastada por uma pujante corrente subterrânea” ( parag.159 ).

   *Jung ( Junguiano )*: o inconsciente coletivo é a fonte da libido, estruturada pelos arquétipos e colocada à disposição do sujeito através do mecanismo da regressão ( Possibilidade de desenvolvido psicológico e renovação ). [↑](#footnote-ref-5)
6. .”[ ... ] Mefistófeles deixou nele vívida impressão; Jung não viu nele tão somente um “diabo”, mas também uma figura que percebeu ter “vagamente uma relação com os mistérios das Mães”, isto é, com o mundo da natureza. [ ... ] Só muito depois Jung tomou consciência de que Mefistófeles não personifica o demônio da imaginação cristã, sendo antes um paralelo do Mercurius alquímico, o “companheiro divino”, do adepto solitário, que lhe revela os mistérios da natureza. Mefistófeles inicia o intelectual e enfadonho erudito Fausto no mundo de Eros, levando-o, para além da vida que ele tivera, “às profundezas”, chegando ás Mães e aos mistérios do “Deus da natureza”. MarieLouise Von Franz (“C.G.Jung: His Myth in Our Time”. Pag.32 ). [↑](#footnote-ref-6)
7. 7. As palavras e as citações não constam da citação de Jung mas foram aqui incluídas para uma compreensão da cena. [↑](#footnote-ref-7)
8. . Para um inventário e resumo das diferentes análises ver: *The Problems of the Mothers*, John R.Williams em *A Companion to Goethe’s Faust ( Parts I and II )* editado por Paul Bishop ( Camdem House , 2001 ). [↑](#footnote-ref-8)
9. . Na mitologia grega o “tripé” ( ou trípode ) aparece como instrumento de poderes mágicos, símbolo de profecias e oráculos. O mais famoso encontrava-se no interior do templo de Apolo em Delfos e sobre ele a sacerdotisa Pítia anunciava, em estado de êxtase, os seus oráculos. Foi roubado por Hércules, após a recusa de Apolo ( seu meio irmão 0 em profetizar-lhe o futuro. [↑](#footnote-ref-9)